

Pensar com os pés: Uma resenha sobre “Caminhar, uma filosofia”, de Frédéric Gros

Marcio F. R. Pereira¹⁵²

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010. 222 p.

Não é comum a um autor de filosofia examinar temas e atividades ordinários. A Filosofia (com “F” maiúsculo), ocupada muitas vezes com os grandes temas da Justiça, Liberdade e Política (todos em maiúsculo), não costuma demonstrar interesse pelos assuntos considerados “menores” e comezinhos. “Caminhar, uma filosofia”, de Frédéric Gros (professor da Universidade de Paris XII, do Instituto de Estudos Políticos da mesma cidade e editor dos últimos cursos de Michel Foucault no *Collège de France*), realiza, porém, um movimento distinto. Dentre outras coisas, a obra nos convida a refletir sobre uma atividade aparentemente banal (“coisa de criança”, como diz o próprio autor), a saber, o ato de caminhar.

Ao longo de 26 capítulos curtos, Gros, ele próprio um andarilho contumaz, mobiliza filósofos, poetas, romancistas e ativistas (de Rousseau a Nietzsche, de Thoreau a Kant, de Rimbaud a Gandhi), que têm no andar um elemento comum de suas respectivas vidas e produções. Mais que “elemento comum”, para esses autores, argumenta Gros, caminhar é um componente central de ideias e pensamentos. São, portanto, os grandes espaços abertos os verdadeiros “escritórios” desses autores. Gros desafia, desse modo, a ideia que normalmente temos a respeito do processo criativo filosófico, literário e intelectual de um modo geral: ao invés da atmosfera úmida e austera das bibliotecas, ao invés de corpos praticamente imóveis curvados sobre mesas em meio a pilhas de livros, temos os grandes espaços abertos, amplos e arejados, como *locus* proeminente da produção. Produzir um livro ao ar livre, conceber um pensamento em espaço aberto é, argumenta o autor, pensar sem “a

¹⁵² Doutor em cotutela pela Universidade de Queen’s e USP. Professor da UFC. E-mail: marcio.pereira@ufc.br

alfândega da cultura e da tradição” (GROS, 2010, pp. 27-28). Aqui, a referência a Nietzsche é incontornável, quando este nos adverte de que devemos suspeitar de ideias que não tenham nascido ao ar livre: “estar sentado o menos possível; não ter fé em qualquer pensamento que não tenha surgido ao ar livre e em plena liberdade de movimento.” (NIETZSCHE, 2008, p. 28).

Uma outra provocação que “Caminhar, uma filosofia” faz se relaciona com as primeiras linhas dessa resenha. Ao examinar um tema aparentemente banal como a atividade de caminhar, o livro desloca o pensamento filosófico de seu “hábitat” costumeiro (o dos debates sobre os grandes temas da Justiça, Liberdade, etc.) para conectá-lo ao cotidiano, ao singelo ou, mais especificamente, ao presente. É este, a bem da verdade, um dos pontos mais notáveis da obra: nos convida a viver e pensar a partir de um regime de presença. Na contramão do culto à velocidade, da apologia à pressa (cada vez mais pervasiva em nossas sociedades – internet, comunicação e deslocamentos cada vez mais rápidos), é na repetição monótona, cadência constante e temporalidade de uma longa caminhada (um pé após o outro) que, segundo Gros, podemos fruir experiências verdadeiramente intensivas e presenciais. Na caminhada é todo um conjunto de afetos outros que, gradativamente, é mobilizado (beber um gole d’água, contemplar um vale, sentir a chuva, respirar, tudo isso assume um outro significado). Andar longamente funciona, assim, como meio de fazer brotar a simplicidade absoluta da presença; e, ao mesmo tempo, como instrumento de crítica ao nosso (sempre mais veloz) estilo de vida citadino. Conforme diz, “tudo o que me liberta do tempo e do espaço *me aliena à pressa*” (GROS, 2010, p. 12). E, em outra passagem, afirma que, em nossas ágeis sociedades, é comum imaginar que, realizando tudo com pressa, ganhamos tempo. Mas, talvez, seja justamente o contrário: vivemos menos (GROS, 2010, pp. 42-43).

Na linha da crítica à velocidade, Gros também aponta a atividade de caminhar como espécie de antídoto à hiperconectividade das sociedades contemporâneas. Segundo o autor, andar longamente faz ver a abundância de oferta e estímulos a que estamos normalmente submetidos como dependência. Especialmente em relação às redes sociais, em que todo um arsenal da psicologia behaviorista vem sendo mobilizado a fim de nos manter conectados por um tempo cada vez mais longo (fenômeno este que alguns autores denominam de “economia da atenção”), Gros argumenta que andar longamente não apenas não produz o desabamento de nossos mundos conectados, “mas além disso essas conexões de repente se mostram como entrelaçamentos pesados, sufocantes, apertados demais” (GROS, 2010, p. 12). Consistindo numa forma de êxodo, caminhar é, pois, abrir mão das inesgotáveis “novidades” (da saturação de notícias e informações a que estamos submetidos); é pôr-se à margem da

economia da atenção. Como ele diz, quando se caminha por muitos dias, “em pouco tempo já não se sabe mais nada acerca do mundo e de seus sobressaltos, dos mais recentes desdobramentos do último escândalo” (GROS, 2010, p. 85).

Outro aspecto instigante que, segundo Gros, pode acometer o andarilho refere-se ao abandono de sua identidade. Significa isso que andar não é buscar um “eu autêntico, uma identidade perdida” (GROS, 2010, p. 14). Pelo contrário, caminhar é escapar da própria ideia de identidade, é fugir da tentação de ser alguém. Quando andamos, somos um corpo que caminha, uma corrente de vida imemorial, entramos em um registro de vibração de corpos. Nesse sentido, para o autor, caminhar não seria uma espécie de reencontro, mas “dar a si mesmo a possibilidade de reinventar-se sempre” (GROS, 2010, p. 106).

Num dos últimos capítulos da obra, o autor assinala a dimensão política que a atividade de caminhar pode vir a assumir. Fazendo constantes referências a Gandhi e sua famosa “Marcha do Sal”, Gros argumenta que a caminhada, ao distanciar-se dos feitos políticos de impacto, das ações grandiloquentes, privilegia mais as energias lentas da resistência. Como diz, “para Gandhi a escolha não se dá entre um imobilismo conservador e uma audácia aventureira, mas entre a força calma e a agitação perpétua, entre a luz densa e o fulgor cegante” (GROS, 2010, p. 198).